

RÁDIO MAYRINK VEIGA

Emissora de rádio carioca inaugurada por Antenor Mayrink Veiga em 20 de janeiro de 1926, com o prefixo PRA-9. Começou a funcionar em 6 de março de 1926, à rua Municipal, depois rua Mayrink Veiga, sob as condições comuns às emissoras da época: funcionavam como associações ou clubes, sobrevivendo da contribuição financeira dos ouvintes, que também participavam emprestando discos. Durante a década de 1920, o rádio caracterizou-se pela produção de programas simples, informativos ou musicais, resultado da falta de investimentos no setor.

A partir de 1932, quando o rádio recebeu autorização oficial para a veiculação de anúncios, através do Decreto-Lei nº 21.111, começou a exploração comercial do veículo. As principais emissoras da época, como a Mayrink Veiga e a Philips, no Rio, ou a Record e a Cruzeiro do Sul, em São Paulo, introduziram o pagamento regular de cachês pelas apresentações de artistas nos seus programas principais, começando também a formar os primeiros elencos profissionais e exclusivos. Mas já em 1927 a Mayrink Veiga havia firmado contrato com Sílvio Caldas (o primeiro da carreira do cantor), recebendo o cachê por audição.

No início da década de 1930, a Mayrink Veiga e a Record paulista estabeleceram programas em cadeia de forma mais efetiva, não apenas eventual. Coube a uma agência norte-americana aqui instalada, a N. W. Ayer, a criação do programa pioneiro, um musical de frequência semanal, onde eram inseridos comerciais da Ford, da General Electric e da Gessy Lever. Revelação da década, Emilinha Borba assinou seu primeiro contrato com a Mayrink Veiga, em 1938, ali ficando até 1943, quando foi para a Rádio Nacional. A Mayrink Veiga foi também a primeira emissora de Nélon Gonçalves e de Ângela Maria, que assinaram seus contratos em 1941 e 1951, respectivamente.

Após a Revolução Constitucionalista de 1932, César Ladeira, um dos locutores mais famosos do país, transferiu-se de São Paulo para o Rio de Janeiro, indo trabalhar na Mayrink Veiga. César Ladeira, muito ouvido no Rio de Janeiro por sua ativa participação na Revolução de 1932 através da Rádio Record (SP), havia se tornado popular entre os ouvintes cariocas. Na Mayrink, César Ladeira atuou como locutor e diretor artístico, sendo em grande parte responsável pela posição de liderança da

emissora até a década de 1940, quando a Rádio Nacional passou a dominar em nível de audiência e de popularidade. César Ladeira consolidou seu prestígio no Rio de Janeiro lendo diariamente a “Cidade maravilhosa”, crônica literária redigida por Genolino Amado.

Neste período de maior evidência da Mayrink Veiga, Almirante ali lançou o seu programa *Caixinha de perguntas* e mais *Programa do almoço*, com Bibi Ferreira, Lenita Bruno, Alvarenga e Ranchinho e Jararaca e Ratinho. É também nesta época que tem início *O teatro pelos ares*, com Plácido e Cordélia Ferreira, que durante muitos anos seria uma das maiores atrações da rádio. Outro grande sucesso foi a *Hora da ginástica*, em que Osvaldo Diniz Magalhães irradiava exercícios físicos e lições de moral e civismo. O programa permaneceu na Mayrink Veiga de 1933 a 1936, quando Osvaldo Diniz Magalhães transferiu-se para a Rádio Nacional.

Nos anos 1940, os programas de calouros faziam enorme sucesso, a ponto de haver dois com o mesmo nome, *A hora do pato*, um na Mayrink e outro na Nacional. As novelas chegavam a ocupar 40% do horário noturno e 70% do diurno na Mayrink Veiga, assim como na Nacional e na Tupi. Sob a direção de Edmar Machado, a rádio realizou também programas educativos, como *Desfile da juventude*, organizado pelo professor Benjamim do Lago. César Ladeira foi o apresentador de *Biblioteca do ar*, uma espécie de ensaio literário diário, que ganhou prêmios da prefeitura como o melhor programa do ano.

Nos últimos anos do Estado Novo, começaram a surgir programas de sátira política e social no rádio brasileiro. A programação humorística da Mayrink Veiga nos anos 1940 era liderada por Antônio Maria, Sérgio Porto e Silvino Neto, o *Pimpinela Escarlata*. Silvino Neto parodiava figuras como Getúlio Vargas e, mais tarde, Ademar de Barros, Jânio Quadros e Carlos Em 1948, o jornalista Carlos Lacerda, que tinha um programa de comentário político à noite na Mayrink Veiga, sofreu um atentado na porta da emissora, no dia 17 de abril, como consequência de críticas feitas ao Exército. Durante todo o dia seguinte, a Rádio Mayrink Veiga recebeu telefonemas anônimos, com ameaças de que a estação seria destruída caso Lacerda continuasse irradiando ali. Segundo Lacerda, o mandante do atentado teria sido o general Mendes de Moraes, prefeito do Rio de Janeiro e alvo de seus ataques.

Segundo a classificação do IBOPE em 1950, a Mayrink Veiga já não aparecia mais entre as primeiras emissoras do Rio de Janeiro. Enquanto a Rádio Nacional, a Tupi, a Tamoio e a Globo apareciam nas melhores colocações, com, respectivamente, 34%, 20%, 10,3% e 10% da audiência, a Mayrink empatava com a Mauá em oitavo lugar, ambas com apenas 3,5%. Apesar deste quadro desfavorável, neste ano de Copa do Mundo no Brasil, Oduvaldo Cozzi figurava como o terceiro locutor esportivo mais escutado, depois de Antônio Cordeiro, da Nacional, e de Ari Barroso, da Tupi.

No final da década de 1950, Antenor Mayrink Veiga vendeu a metade de suas ações à organização Vítor Costa, que por sua vez as vendeu a Assis Chateaubriand, sendo depois adquiridas pelo grupo Simonsen. Em 1959, a pesquisa do IBOPE sobre a audiência radiofônica, no então Distrito Federal, indicava a Rádio Mayrink Veiga empatada em terceiro lugar com a Rádio Tupi, ambas com 3,1%. Em primeiro e segundo lugar apareciam a Nacional e a Tamoio, com 14% e 4,5%.

Em 1962, Antenor Mayrink Veiga vendeu a sua metade da rádio ao senador Miguel Leuzzi. O senador não cumpriu todas as suas obrigações legais, o que levou a Rádio Globo a recorrer à Justiça para o fechamento da rádio. À Rádio Globo interessava conseguir a frequência da Mayrink Veiga, uma vez que a sua, proveniente do Chile, estava sendo requisitada.

Durante os anos de 1962 e 1963, já eleito deputado federal, o mais votado da antiga Guanabara, Leonel Brizola ocupava quase que diariamente o microfone da Rádio Mayrink Veiga, onde proclamava que iria conseguir a aprovação das reformas de base “na lei ou na marra”. Em 1964, para se contrapor às transmissões de Leonel Brizola pela Rádio Mayrink Veiga e pelas emissoras a ela ligadas, formou-se a Rede da Democracia, uma cadeia radiofônica que, através de programas diários, combatia a política do presidente João Goulart. A Rede da Democracia exerceu um papel preponderante na preparação do golpe de 1964. Carlos Lacerda, Adauto Lúcio Cardoso, Aliomar Baleeiro, Raul Brunini e outros, então detentores de mandatos políticos, atuaram nesta rede.

Após o golpe de 1964, os pronunciamentos políticos desapareceram da Rádio Mayrink Veiga. Em 1965, a emissora foi fechada pelo presidente Castelo Branco, através do Mandado de Segurança nº 16.132/65.

FONTES: BRANCO, R. C. *História*; CABRAL, S. *No tempo*; CASÉ, R. *Programa; Collector's Notícias*. (1996); DULLES, J. W. F. *Carlos Lacerda*; ENTREV. Estácio Brugger Lacerda; INF. Antônio Mayrink Veiga; *Manchete* (21/5/60 e 13/11/71); MOREIRA, S. V. *O rádio*; MURCE, R. *Nos bastidores; Nosso Século*; PN — *Anuário de Imprensa, Rádio e Televisão* (1958, 1959, 1960, 1961); PN — *Anuário do Rádio* (3/50, 8/51, 10/52, 1953); *Revista Alô — Tudo de Rádio* (jan./fev. 1949); *Revista Foco* (jun. 1951); *Revista Rádio Ilustrado* (1954); *Revista Radiolândia* (dez. 1953, maio 1954, abr. de 1957 e 1959); SAMPAIO, M. F. *História*; VAMPRÉ, O. A. *Raízes*.